



**( Letras )**

# **Aprovar a CONTINUIDADE DA GREVE, que PODE E DEVE AVANÇAR!**

***A reitoria só concedeu uma única migalha!  
As direções do DCE e CAs atuam pelo fim  
da greve, quando ela ainda não chegou  
a seu ponto mais alto!***

***Existe a possibilidade de unidade grevista com  
a Unicamp, numa só luta contra o governo e seu  
privatismo! Nela devemos nos apoiar, e não nas  
vacilações das direções!***

A greve geral da USP está em uma encruzilhada. As tendências grevistas não diminuíram nos últimos dias por si só, mas estão sendo sufocadas pela política de capitulação e subserviência das direções estudantis diante das manobras da reitoria. O movimento é forte, mas sofre ataques múltiplos e desconfia de suas direções, e isso explica o refluxo em unidades sem maior tradição de luta, e cujo setor mais conservador é maior. Mas, podemos dar um salto à frente, se mantivermos a defesa das reivindicações que de fato respondem aos interesses do conjunto dos estudantes (que incluem a contratação de funcionários necessários), rompendo a concorrência dos cursos para abocanhar a migalha da reitoria/governo, e aprovando os métodos necessários para derrotá-la!

A direção do CAELL (Rebeldia/PSTU) caracterizava na reunião de comando geral de greve, de sexta-feira passada, que a greve cresceu na última semana, e a possibilidade de radicalizar e estender o movimento da USP como movimento geral dos estudantes estaduais estava colocada, com a entrada da Unicamp e outras unidades do interior na luta contra o privatismo e sucateamento da reitoria/governo. Mas, nessa mesma reunião, essa direção se subordinou à manobra da direção do DCE, de rebaixar a pauta votada em assembleia, e acatou de boca fechada a imposição de rasgar as pautas prioritárias aprovadas na assembleia do dia 02/10, para depois aceitar o que a reitoria está disposta

a dar. Assim, a direção do CAELL passou a defender as migalhas oferecidas pela reitoria como se fossem “vitórias”!

A direção do CAELL, assim, trilha o caminho da direção do DCE, de pôr fim à greve geral, ainda que vote pela manutenção da greve na Letras, porque, de fato, o acordo com a reitoria não resolve nossos problemas e, antes, os agravam, ao deixar para a Letras a alternativa de lutar sozinha, ou aceitar a manobra do desmonte da greve geral. Nossa curso foi ponta de lança e o principal motor propulsor da greve na USP. Mas, a política da direção do CAELL levou a que o curso se esvaziasse, isolasse e desmobilizasse, e e isso serviu às manobras das direções do DCE e da maioria dos CAs. Tanto é assim que na assembleia de ontem (09/10) esteve lado a lado da direção do DCE e das correntes que o dirigem, convocando um “grande ato” na frente da reitoria quando a negociação acontecer. Mas, não moveram um palito para encher a frente da reitoria de um ato político radicalizado e orientado a exigir da reitoria que negocie as “pautas prioritárias”.

O acordo que será aprovado não resolve os graves problemas do curso, menos ainda de toda a USP. Será que a direção do CAELL apresentará a necessidade de defender as supostas “vitórias concretas” da greve como “ganho político e organizativo” para “futuras lutas”? A qual ganho político se referem? Se é pela massividade e radicalização inicial da greve, isso não se deve à sua política, nem a suas ações, mas à força surgida da revolta dos estudantes contra a destruição das condições de ensino. Revolta que exigia defender as reivindicações que de fato expressavam essas necessidades, e que se aplicassem os métodos adequados (piquetes de rua, trancaços, bloqueio de avenidas, etc.) para arrancá-las. O CAELL defendeu essas reivindicações de contratação de mais de 1,6 mil professores e 4 mil funcionários para fazer com que a USP retomasse o patamar de 2014? Não! Votou no comando e se disciplinou na comissão de negociação à proposta da reitoria, contidas no plano aprovado pelo CO. A “vitória” das direções, aí incluída a do CAELL, é a aplicação do plano da reitoria, que é contrário aos interesses imediatos e reais dos estudantes.

A verdade seja dita: dos 1.027 professores que se comprometeu a contratar, 879 já constavam do Plano de Contratações que, com ou sem greve, seriam incorporados a conta gotas, até 2025. Os 148 professores contratados em caráter emergencial e temporário vão cobrir as aposentadorias e demissões deste ano, apenas! Do restante da pauta, nada há de concreto, apenas “compromissos de avaliar”, sem oferecer resolução prática sobre nada!

Para acobertar sua capitulação, as direções do DCE e de todos os CAs (incluído aqui o CAELL) se apoiaram no “cansaço” dos grevistas para abrir caminho à aceitação dessa migalha da reitoria. Na verdade, a direção estudantil age para que a greve acabe, quando o movimento ainda está forte, e pode radicalizar seus métodos, estando em melhores condições de arrancar da reitoria o necessário para garantir o ensino público! Essa é a verdade!

A assembleia da Letras deve denunciar e conter as manobras das direções e correntes vacilantes, que burocratizam a greve e seu comando, que decidem pela redução de pautas, por cima das assembleias. É preciso aprovar a continuidade da greve e todos os métodos da ação direta que sejam necessários para obrigar a reitoria a negociar e aceitar nossas reivindicações! Devemos avançar para a imediata unificação com os setores que entram em luta, defendendo um plano unitário de reivindicações. Somente assim é que conseguiremos impor à reitoria/governo nossas reivindicações, se a derrotarmos politicamente quanto às nossas principais necessidades: contratações de professores e funcionários NECESSÁRIOS e bolsas no valor de um salário mínimo estadual para todos!